



DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8668353>

Artigo de Revisão

Universo em seu tempo e em seu futebol: Potencialidades e limitações de Universo do Futebol para os estudos de identidade nacional

*Universe in its time and in its football:
Potential and limitations of the Soccer Universe for national identity studies*

*Universo en su tiempo y en su fútbol:
Potencialidades y limitaciones del Universo del Fútbol para los estudios de
identidad nacional*

Harian Pires Braga¹ 

RESUMO

Objetivo: Vislumbrar como esse trabalho clássico ainda dialoga com a produção sobre identidade nacional e futebol. **Metodologia:** Pesquisa bibliográfica e uma leitura crítica da coletânea de artigos "Universo do Futebol", organizada Roberto DaMatta, com maior enfoque no trabalho do próprio organizador e de Arno Vogel. **Resultados e Discussão:** A análise da coletânea buscou pensar as potencialidades e as limitações do trabalho dentro do recorte metodológico e do momento histórico em que foi escrito, 1982. A partir do recorte, alguns dos conceitos e dos argumentos centrais dos dois artigos foram comparados com a literatura pertinente ao tema e a uma análise da dimensão teórico metodológica. **Conclusão:** Percebeu-se pontos ainda relevantes para o atual debate acadêmico, bem como questões não contempladas pela obra, à luz da atual produção acadêmica.

Palavras-chave: Futebol. Identidade Nacional. Sociologia do Esporte.

¹ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade Educação Física. Grupo de Estudos de Futebol (GEF/UNICAMP), Campinas – SP, Brasil.

Correspondência:

Harian Pires Braga. R Arthur Benedito de Oliveira Porto, 271, Jardim Rafael, Caçapava - SP, CEP 12288-460. Email: harian.braga@gmail.com



ABSTRACT

Objective: This work analyzes the collection of articles O Universo do Futebol, seeking to think about the potential and limitations of the work within the methodological frame and the historical moment in which it was written, 1982. The objective is to glimpse how this classic work still dialogues with the production on national identity and football. **Method:** For this, the four articles were read, especially chapters 1 and 4. From the clipping, some of the concepts and central arguments of the two articles were compared with the literature relevant to the topic and an analysis of the theoretical and methodological dimension. **Final considerations:** From this path, it is possible to perceive points that are still relevant to the current academic debate, as well as issues not covered by the works.

Keywords: Soccer. National Identity. Sociology of Sport.

RESUMEN

Objetivo: Este trabajo analiza la colección de artículos O Universo do Futebol, buscando reflexionar sobre las potencialidades y limitaciones de la obra en el marco metodológico y el momento histórico en que fue escrita, 1982. El objetivo es vislumbrar cómo este clásico El trabajo aún dialoga con la producción sobre la identidad nacional y el fútbol. **Método:** Para ello, se leyeron los cuatro artículos, especialmente los capítulos 1 y 4. A partir del recorte, se compararon algunos de los conceptos y argumentos centrales de los dos artículos con la literatura relevante al tema y se realizó un análisis de la dimensión teórica y metodológica. **Consideraciones finales:** A partir de este recorrido, es posible percibir puntos que aún son relevantes para el debate académico actual, así como cuestiones no abordadas por los trabajos.

Palabras Clave: Fútbol. Identidad Nacional. Sociología del Deporte.

INTRODUÇÃO

Alguns trabalhos que dialogam com os estudos de Humanidades na Educação Física têm um peso fundador, que faz com que mesmo passadas décadas de sua publicação, ainda permitam discussões acadêmicas importantes. Seja pela qualidade da pesquisa, pelo rigor metodológico, pela escolha das fontes ou mesmo pelo ineditismo de investigação na área, é sim possível que, passado quarenta anos, ainda haja fôlego nas discussões dos artigos que compõe a coletânea *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizada pelo antropólogo brasileiro Roberto Da Matta, em 1982 (DAMATTA, 1982).

Evidente que discutir um trabalho acadêmico não é anuir com ele, pelo contrário, é demonstrar suas potencialidades e suas limitações e, neste caso específico, vislumbrar seu alcance dentro do momento histórico em que foi escrito, não incidindo em demandas anacrônicas, improváveis de serem respondidas à época. Assim, neste trabalho, afasta-se a ideia de que haja uma obra ultrapassada e superada, mas sim, um ponto de discussão histórica, a partir de análises que influenciaram – e ainda influenciam – pesquisadoras e pesquisadores que têm no futebol seu interesse acadêmico.

A coletânea é composta por quatro artigos que buscam discutir diferentes perspectivas dos estudos de Humanidades e futebol, campo ainda incipiente na academia brasileira no início dos anos de 1980, no Brasil. No primeiro texto, de Roberto Da Matta, *Esporte na Sociedade: Um ensaio sobre o futebol brasileiro*, são expostas as bases do pensamento do autor para compreender o esporte como uma manifestação social, sem a visão depreciativa de “ópio do povo”, mas a partir da dinâmica da “dramatização”. Dramatização é um dos conceitos caros do autor e está presente em sua análise sobre a sociedade brasileira desde a obra clássica *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro* (DAMATTA, 1997). Em algum grau, em seus textos futuros sobre o esporte, o conceito também estará presente.

No segundo texto, de Luiz Felipe Baêta Neves Flores, *Na Zona do Agrião: Sobre algumas mensagens ideológicas do futebol*, os apontamentos são para algumas das manifestações ideológicas presentes no futebol brasileiro, especialmente a dinâmica da permanência e da transformação, debatendo espaço e tempo, nacionalismo, populismo, paternalismo, violência, machismo e o ato de torcer. Importante que se pense que esses temas, com o passar dos anos, estabeleceram-se como fundamentais para as discussões acadêmicas, ou seja, é possível estabelecer diálogo com os apontamentos daquele momento, com produções recentes, escritas por diferentes pesquisadoras e pesquisadores (GIGLIO; PRONI, 2020).

No trabalho seguinte, *Subúrbio: celeiro de craques*, Simone Lahud Guedes debateu as dinâmicas de socialização pelo futebol numa periferia do Rio de Janeiro, demonstrando os caminhos e os descaminhos de uma formação futebolística de agentes que buscam o sonho de jogar futebol em diferentes momentos de suas vidas, sem que os objetivos sejam de fato conquistados. Ainda que este seja um texto que dialoga menos com o escopo de uma percepção identitária nacional, é inegável, que a carreira futebolística também é uma constituidora de identidades.

O último texto é de Arno Vogel, *O Momento Feliz – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional*, um ensaio que buscou compreender os significados que o futebol possui na sociedade brasileira a partir da identificação com a seleção masculina nas Copas do Mundo FIFA de 1950 e 1970. A questão da identidade nacional é um tema presente nos estudos sobre o futebol brasileiro, dialogando com trabalhos clássicos sobre nacionalismo (ANDERSON, 2008; GELLNER, 1993; HOBBSAWM, 2011) e sobre as interpretações sociológicas do Brasil (LEITE, 2002; MOTTA, 1977; RICUPERO, 2011). As duas Copas do Mundo FIFA são momentos potentes de percepção de discursos de representação nacional, criando uma narrativa própria (SOARES; SALVADOR; BARTHOLO, 2004; BRAGA, 2015) baseada em processos de lembrança e de esquecimento (POLLAK, 1989).

Complementares, esses trabalhos possibilitaram diferentes áreas de pesquisa e de reflexão na Antropologia, na História e na Sociologia do Esporte. Mais do que os textos em si, as escolhas de temáticas, o desenvolvimento da carreira acadêmica dos autores e da autora e o recorrente uso de alguns dos apontamentos em trabalhos relevantes, no futuro, levam a uma ideia de partes que compõe um todo, relativamente coerente, de intervenções sobre o futebol. Não seria possível para um artigo acadêmico, em sua limitação estrutural, debater todas as possibilidades de reflexão, assim neste trabalho a opção é por analisar como a questão da identidade nacional a partir do futebol pode ser pensada hoje, em diálogo com os apontamentos contidos nos artigos, especialmente nos textos de Da Matta e de Vogel. Passadas quatro décadas, as ideias expostas nos dois trabalhos permitem debater os estudos sobre identidade nacional e futebol, sem que se tenha um pedágio obrigatório e inócua pelo ineditismo, da mesma forma que não se romantize argumentos desconstruídos com novas metodologias, nova literatura e novas fontes.

Para que esta análise possa ser feita, a opção do trabalho foi por uma pesquisa qualitativa, articulando a revisão bibliográfica com a análise teórica dos conceitos apresentados nos dois artigos base e na literatura. O primeiro passo do trabalho foi a leitura densa dos dois textos, destacando seus conceitos-chaves, seus argumentos relacionados à ideia de identidade, sobretudo de caráter nacional e as relações com a bibliografia mais recente.

Após a leitura, é feita uma breve revisão crítica sobre a produção acadêmica de Ciências Humanas e futebol; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010; SILVA; INÁCIO; CAMPOS; MELO, 2009), enfocando o lugar de DaMatta nessa produção e como as fontes são utilizadas em seu trabalho. Em seguida, pondera-se a questão dos conceitos de futebol e de esporte presente na obra, frente a alguns dos autores clássicos sobre o tema. Por fim, procede-se uma análise interna aos textos, verificando as limitações que eles possuem e que de alguma forma foram criticadas pelas pesquisas desde então, demonstrando também pontos que ainda precisam de investigação. Este trabalho não teve financiamento de agências de fomento e dialoga também com os estudos de mestrado em Educação Física e Sociedade, especialmente em sua interface com a História e a Sociologia do Esporte.

CONCEITOS E FONTES

Ao retomar os quatro textos da coletânea, com atenção especial ao trabalho de DaMatta e Vogel, de imediato, é necessário situá-los academicamente. Há a possibilidade que, como textos considerados fundamentais para os estudos de Humanidades e Futebol no Brasil, preste-se uma reverência, destacando o quão importante foram. Essa distinção ocorre ao se pensar que o *Universo do Futebol* contribuiu na formação de gerações de pesquisadoras e de pesquisadores que tentaram – e tentam – compreender o futebol a partir de teorias, metodologias e reflexões de diferentes áreas das Humanidades. Deixar esse pormenor de lado é não compreender a própria formação do campo de estudo e se afastar de quais tradições de pensamento marcaram os trabalhos sobre futebol.

Assim, a coletânea precisa ser pensada como um dos marcos iniciais das reflexões sobre o futebol e sociedade no Brasil, conferindo não apenas potencial ao seu conteúdo, mas em como ele inspirou e como demarca um momento da produção acadêmica brasileira, na qual o processo de redemocratização estava em curso, permitindo uma maior pluralidade de opiniões sem o julgo da censura prévia. Também era um momento de institucionalização da pós-graduação, com o desenho que se tem hoje de programas de mestrado e de doutorado sendo consolidado e espalhado por todo o Brasil. Paralelo a essas grandes transformações política e acadêmicas, são texto ensaísticos, com estrutura interna com menor rigor normativo, indagando diferentes reflexões, num sentido amplo e menos atrelada a leitura de fontes ou a uma revisão de literatura.

Ao situar os artigos diante da produção acadêmica, os textos não podem ser vistos apenas como um debate acadêmico, mas como um documento de época, uma fonte que permite compreender como o futebol e o pensamento acadêmico sobre o futebol estavam organizados no início dos anos de 1980. Esta constatação temporal, aqui proposta não é uma novidade, pois Antônio Jorge

Soares, Hugo Lovisolo e Ronaldo Helal desenvolveram um importante debate sobre os usos de *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mário Filho como fonte de época e não apenas um texto teórico (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001).

O texto deve ser lido dentro do seu tempo, trazendo dimensões do que era possível pensar naquele momento, ganhando riqueza como fonte histórica. Na questão específica das identidades, vislumbramos um momento em que pensa a nação como uma amálgama relativamente homogênea a partir de Rio de Janeiro e São Paulo, masculina e estampada no selecionado nacional. O que não se fala sobre o futebol como elemento identitário em outras localidades, como resistência feminina e não apenas pela Seleção Brasileira, traz indicativos da própria organização do Brasil naquele dado momento histórico, de transição do regime autoritário para uma organização institucional democrática.

É preciso também situar Roberto Da Matta na produção acadêmica. Além de organizador do volume, o antropólogo é citado em todos os textos, sendo que o ensaio de Vogel é um fruto de trabalho de uma de suas disciplinas. Da Matta escreveu outros textos sobre o futebol, da mesma forma em que virou referência para outros tantos trabalhos, inclusive para ser criticado. O que chama atenção aqui é que o tipo de interpretação pretendida para o futebol conversa com um estilo de pensamento social que teve muita força no Brasil até os anos de 1970: as grandes interpretações sociais. Oliveira Viana, Caio Prado Jr., Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda são alguns dos nomes que marcam esse estilo de interpretação que busca, por diferentes chaves teóricas, compreender a sociedade brasileira como um todo. Esse estilo de escrita perdeu fôlego no final do século XX, justamente porque as complexidades sociais do Brasil adensaram-se – não que antes não existissem, mas as perguntas de pesquisa não davam conta de diferentes tensões.

Assim, o texto de Da Matta é datado como estratégia de interpretação, mas não é, por si só, ultrapassado. Alguns de seus conceitos aplicados ao futebol cristalizaram-se na interpretação social do esporte, justamente porque grandes intérpretes acabam presentes na formação inicial de graduação ou mesmo da pós-graduação. Se hoje não parece factível pensar um trabalho que dê conta de analisar toda a sociedade brasileira a partir do futebol – seja pela dramatização, pela cidadania deslocada, pelo binômio rua e casa ou pela tensão de regras racionais e relações interpessoais – é também verdade que existem chaves interpretativas iniciais, que ainda dialogam e provocam discussões. Pensando no caso da identidade nacional, foco desta análise, percebe-se que o modelo de grandes interpretações suplanta disputas travadas num cenário micro e cria estereótipos.

Os dois pontos que parecem falhas interpretativas abruptas são também caminhos para construir olhares menos totalizantes. Assim, essas grandes interpretações têm sua importância como abertura de caminhos para indagações

futuras, o que não pode é serem amarras definitivas, justamente porque se propõe uma visão panorâmica e limitada. Com o passar o tempo e a constituição de uma literatura cada vez mais especializada, especificidades e aprofundamentos puderam ser elaborados.

Como exemplo dessa interlocução, pode-se pensar o conceito de cidadania deslocada, na qual Da Matta aponta que os elementos identificadores do Brasil são instituições secundárias (festas, música, futebol), em contraposição ao que ocorre nos Estados Unidos, em que há centralidade nas instituições primárias (Congresso, Justiça, Constituição). Ainda hoje, o conceito permite que se teça análises sociais interessantes, mesmo quando o foco seja uma crítica ao que ele representa.

Em meu mestrado critiquei de que essa visão acaba por desconsiderar resistências populares em disputas políticas, relegando às camadas populares um espaço de coadjuvante e de atuação limitada às esferas do que não seria fundamental (BRAGA, 2015). Evidente que o conceito não é tão simples e não faz, a priori, uma mensuração de importâncias. Contudo, sua consequência é complicada, desconsiderando, por exemplo, fontes documentais, que atestam participações políticas intensas de grupos populares. Se a identidade nacional não se constrói identificando-se com as grandes instituições estatais, é verdade também que não há uma única identidade nacional e que nessas tensões locais, instituições primárias são revisitadas e transformadas, basta para isso pensar nas revoltas populares que marcam boa parte da história colonial, imperial e republicana.

Finalmente, é preciso debater a questão do uso das fontes nos dois textos. Como o caráter de ambos é inaugural e ensaístico, em muitos casos parte das constatações carecem de fontes documentais. Naquele momento as indagações até permitiriam esse tipo de caminhar, contudo, não é possível mais que se pense desta forma para constituir os argumentos. Vogel utilizou seus informantes para destacar as Copas de 1950 e de 1970, mas as fontes documentais foram escassas, com edições pontuais e periódicos e o Anuário Esportivo Brasileiro de 1950.

Para se debater a questão identitária hoje é fundamental que se tenha um olhar múltiplo e que dialogue com os objetivos de pesquisa; se a ideia é perceber a identidade nacional em um dado recorte, os periódicos daquele recorte – espacial e temporal – são uma das vozes coletivas e um dos canais de memória que ajuda a compreender não só o momento histórico, como também a forma que se recuperam tais informações. Olhar para as fontes escritas e imagéticas, em diálogo com as metodologias da História, permite repensar outras visões identitárias, mesmo desconstruindo estereótipos. Noutras palavras, a ideia de um futebol arte uníssono não está presente em registros de época, com apreciações

não apenas sobre o treinamento, mas relativizando a importância dos torneios, a vitória e a derrota em cada localidade (BARTHOLO; SALVADOR; SOARES, 2009).

De toda forma, ao observar dentro do seu tempo a produção da coletânea e desses dois textos em específico, fica claro que eles não podem mais ser pensados como supratemporais, ou seja, dentro de um tempo de produção acadêmica. Ao mesmo em que não se desconsidera a importância das obras, é possível posicioná-las com um alcance mais preciso, ainda aberto a discussões de relevância. Nas Humanidades, mais do que em outras áreas de conhecimento, a produção acadêmica precisa ser pensada dentro do seu momento e a forma como o próprio autor ou autora apresenta-se. Posto isso, é necessário então analisar como a questão do conceito de esporte e de futebol está apresentada.

CONCEITO DE ESPORTE E DE FUTEBOL

Por mais que o conceito de esporte pareça estar dado, de conhecimento amplo, é necessário que se retome alguns preceitos para que seja possível perceber o ponto de onde parte a análise. Nenhum dos quatro trabalhos dialoga com uma conceituação clara do que chamam de esporte. Não se pode perder de vista que discussões fundamentais da conceitualização do esporte moderno, presentes na obra de Norbert Elias e Eric Dunning, Pierre Bourdieu ou mesmo Allen Guttmann, eram incipientes ou mesmo inexistentes em 1982, fato totalmente distinto de hoje. O debate conceitual sobre o que é esporte não é apenas um parâmetro teórico de uma fração das Humanidades, mas um problema concreto num contexto de institucionalização de práticas em eventos como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo de futebol masculino.

Atualmente, trazer o conceito de esporte é já uma escolha teórico metodológica que cria pontos de contato, ao mesmo tempo isola outros. Se os jogos eletrônicos podem ser chamados de esporte, puristas podem rebater com o argumento da atividade física, da mesma forma que visões heterodoxas poderiam aplicar o conceito de esporte a toda e qualquer prática humana; ou seja, qualquer caminho conceitual é também uma escolha de forma de observar o objeto esporte e seus limites como materialidade e como discurso.

Especialmente nos dois textos analisados, mas também no trabalho de Flores, chama atenção três características apresentadas sobre o esporte, especificamente o futebol. Para além de uma descrição a leitoras/es que não conheçam o futebol, a racionalização da prática, a igualdade inicial e a meritocracia aparecem como característica do esporte. Nesta parte do trabalho a intenção é dialogar com esses conceitos e os teóricos citados anteriormente, além de exemplos empíricos atuais. Esse trajeto é vital para que se afaste de uma idealização sobre o esporte, bem como um processo de anacronismo – em que pode definir uma infinidade de prática ao longo do tempo – e a hiper

interpretação de nuances para além dos códigos esportivos (SOARES; LOVISOLO, 2009).

Sobre a questão da racionalização das práticas, há certa concordância de que este é um processo próprio dos séculos XVIII e XIX, num momento de surgimento de uma sociedade capitalista industrial, na qual não há espaço para regras arbitrárias de violências desmedidas (ELIAS; DUNNING, 1992), tão pouco para um mundo explicado apenas por fenômenos mágicos religiosos (GUTTMANN, 1978), como também é parte da criação de significados próprios, com sentidos internos e relativamente autônomos (BOURDIEU, 2003). A racionalização não é plena, tão pouco ocorre sem embates, e é justamente nesse sentido que a tensão entre Tradição e Modernidade, apontada por Vogel ganha força. Essa força diminuiu ao desconsiderar que não é apenas o futebol que estampa sentidos racionalizados de organização, de uniformidade ou mesmo de institucionalização.

Da mesma forma que é um equívoco pensar o esporte – especialmente o futebol – como alheio à sociedade, não se pode pensar que suas estruturas não estejam relacionadas com um processo social mais amplo, sobretudo de identidades em construção, de questionamentos de legitimidade e também de demandas econômicas. A partir dessa fragilidade do texto, o convite para que se pense as dinâmicas do esporte como parte de um emaranhado social mais amplo e também que momentos em que a dramatização e o ritual são suplantados, no tempo atual, por um financeirização da vida e por outros elementos da pós-modernidade (GIDDENS, 2002).

A igualdade inicial, qualidade central no pensamento de Guttmann (1978), precisa também ser contestada. Tanto o autor estadunidense, quanto os autores brasileiros observam a igualdade como um número de praticantes igual e um placar também nivelado, com a submissão de todos esses agentes às mesmas regras. De fato, como comparação a um mundo pré-moderno, no qual cada prática de divertimento estava submetida a um conjunto de regras próprios e numa sociedade em que se partia da desigualdade como ponto de existência, estamos diante de um cenário de igualdade. Contudo, com o avanço de uma organização empresarial no esporte, sobretudo nos grandes centros ocidentais a partir dos anos de 1980 – vendas de ingressos, promoção de uma gama extensa de produtos para consumo, comercialização de direitos de mídia e profissionalização de atletas – a igualdade é mais um discurso e menos uma realidade. Já é possível perceber esse tom no texto de Guedes, quando se verifica a distinção entre clubes centrais e clubes periféricos, ocupantes de divisões distintas e com recursos também distintos.

Por mais que uma partida comece com o mesmo número de integrantes ou com o placar em igualdade, a distinção se dá fora das linhas do jogo. Por isso, o futebol e todos os esportes precisam ser vistos na amplitude de múltiplas

relações sociais, com criações de variados significados e códigos de distinção. E no que isso muda a forma como se pensa a identidade nacional? Ora, ela própria passa a também demandar códigos variados e o que antes é visto como a igualdade, passa a ser a desigualdade. Proponho um exemplo simples: uma equipe europeia, de grande alcance mundial, começa num discurso de igualdade contra uma equipe do interior do Brasil. Passados os primeiros instantes temos uma desigualdade de treinamento, de técnica, de sentidos; porém nunca houve ali uma igualdade, visto que antes mesmo o processo de identificação e de distinção simbólica das duas é desigual. Dizer sobre igualdade é retomar o berço liberal de nascimento do esporte; acreditar que essa igualdade exista é desconsiderar que a sociedade liberal é uma sociedade de neocolonialismos e de imperialismos.

Por fim a questão da meritocracia também merece atenção. Todo o esporte é meritocrático na medida em que há um sistema institucionalizado de disputas e de ranqueamento; mais ainda, há cada ciclo de competições tem-se indivíduos e equipes vencedoras e outras perdedoras. O sistema meritocrático diálogo também como o momento histórico de criação dos esportes, mas é um pressuposto de um espaço competitivo, ainda que em diferentes graus. Em comparação com a escrita de *Universo do Futebol* uma das grandes guinadas para compreender esse ponto é perceber o que faz um ambiente de competição esportiva ser marcadamente especial. O sistema meritocrático não está apenas naquele/naquela que consegue se distinguir como “craque”, mas numa dinâmica ampla de treinamento esportivo, de profissionalização e também de rede de contatos, que acabam por formar um capital futebolístico (DAMO, 2007). Ou seja, não é possível perceber globalmente o sistema meritocrático do esporte, se o campo esportivo (BOURDIEU, 2003) não for pensado como uma dinâmica própria, com agentes específicos e com códigos internos de distinção – capitais.

LIMITAÇÕES DOS TEXTOS

A proposta de recuperar a temporalidade do texto e os conceitos de esporte atribuídos ao futebol na coletânea, em especial, nos artigos de DaMatta e Vogel, mostrou alguns pontos de limitação criados ao longo do tempo. Nesta última seção abordo três principais deles e, a partir do diálogo com a literatura, que possíveis caminhos podem ser pensados ou mesmo que críticas estão de alguma forma consolidadas. Os pontos são: a própria ideia de identidade nacional, o discurso de futebol arte versus futebol força e os clubismos. São apontamentos sintéticos, tentando relacionar-se com a questão de fundo, a identidade nacional. Cada uma dessas áreas desenvolveu considerações próprias e debates mais densos.

Sobre a questão da identidade nacional, o que temos é em *Universo do Futebol* é um olhar extremamente homogêneo, no qual há uma transposição

direta de uma ideia de Brasil para uma equipe esportiva que abraça as ditas características nacionais. Nesse sentido tanto as contribuições de (HALL, 2006), quanto de (ANDERSON, 2008) foram vitais para uma maior abertura de possibilidades nos estudos da temática. Para Stuart Hall as identidades – e a nacional é uma delas – não são construções prontas e uniformes, mas sim processos históricos e relacionais, forjados pela multiplicidade e que pressupõe e exclusão. O Brasil da Copa de 1950 e da Copa de 1970, chorando e vibrando, não é o Brasil total, mas uma fração de relações sociais que compõe uma unidade territorial mais ou menos coesa, mas com grandes disputas de legitimidade. Nessas disputas, o país retratado é também a relação de seus polos dominantes – Rio de Janeiro e São Paulo – e que, portanto, não contempla diferenças regionais. Já quando se pensa a contribuição de Benedict Anderson é para que pensemos que a *Comunidade Imaginada* é fluída e precisa de dotação de símbolos de pertencimento e códigos de interlocução (ANDERSON, 2008). O futebol não faz isso infinitamente, mas como parte de uma composição em que há mútua identificação das pessoas que compõe essa comunidade.

Na questão de futebol arte versus futebol força, os apontamentos dialogam com a necessidade de pensar justamente os elementos teóricos que compõe o que é esporte. Não há arte e força em suspenso, em absoluto, mas sim em relação com o outros. A constatação é simples, basta pensar que o futebol brasileiro é arte porque há o futebol europeu que é força, contudo, o futebol brasileiro da quarta divisão não é arte quando comparado a um jogo de equipes do campeonato continental europeu. A força é o oposto da inventividade na medida em que se tem um jogo com menos responsabilidades. A força – como sinônimo de treinamento esportivo – passa a ganhar protagonismo quando a vitória e a derrota definem carreiras, volumes de investimentos, manutenção de empregos ou mesmo sobrevivência dentro do sistema meritocrático. O que proponho aqui, em suma, não é a taxaço de universal positivo e um negativo, mas que arte e força são valores mutáveis e adaptáveis dentro de uma lógica esportiva que não foi explorada há quatro décadas, mas que hoje é determinante na qualidade dos trabalhos acadêmicos.

Finalmente o aspecto do clubismo que é uma forma de identidade que, em último grau, incidirá sobre a nação. Mais do que uma metonímia do Brasil, a seleção masculina de futebol é uma forma de clubismo, ou seja, uma equipe esportiva, com uma história, um conjunto de tradições, um aparato simbólico, um retrospecto esportivo e uma torcida própria. Esse clubismo tenta ser totalizante, mas ele na verdade é dos clubismos existentes e que tem grande sucesso por conseguir abarcar essa narrativa de pertencimento. Quando os elementos que o compõe passam a ruir, como por exemplo insucesso esportivos, depreciação das tradições ou afastamento da torcida, sua identificação é colocada em xeque. Quando as expectativas pretendidas pelo selecionado nacional já não respondem ao contexto social, outros clubismos podem existir,

como por exemplo, torcer para outros esportes ou mesmo criar uma relação de pertencimento distinta com a seleção nacional feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisou-se dois dos textos que compõe a coletânea *Universo do Futebol* a partir do prisma da identidade nacional. Esse caminho mostrou a riqueza do trabalho ainda hoje, quarenta anos depois de sua publicação, justamente pela qualidade das análises, pelos pontos que traz não apenas para um debate acadêmica, mas como fotografia de sua época. Se hoje os estudos parecem desatualizados em suas metodologias ou composição teóricas, é fato que seus argumentos formaram gerações de intelectuais que debateram o futebol pelos preceitos epistemológico das Humanidades. Essa força formativa ainda está em curso e precisa ser olhada com a criticidade que tanto tempo de pesquisas permitiu acumular, mas também como uma obra dentro do seu tempo. Mais do que um selo de atual ou ultrapassado, os textos perpassam como a área de investigação foi formada no Brasil e que problemas de pesquisa foram levantados. Demonstra também como o futebol – e os esporte em geral – são fenômenos sociais legítimos e ricos para perceber, debater e investigar relações humanas múltiplas.

NOTAS

CONFLITOS DE INTERESSE

O autor não tem conflitos de interesse, incluindo interesses financeiros específicos e relacionamentos e afiliações relevantes ao tema ou materiais discutidos no manuscrito.

AUTORIA E COAUTORIA

A autoria é responsável pelos conteúdos do texto.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTHOLLO, Thiago Lisboa; SALVADOR, Marco Antônio Santoro; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves O "futebol arte" e o "planejamento México" na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.113-130, set./dez. 2004.

BRAGA, Harian. *A doce recordação do que eu não vivi: a formação da identidade nacional no futebol*. 2015, 184f. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=471043>. Acesso em: 10 jan. 2022.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? IN: _____. *Questões de Sociologia*, Lisboa: Fim de Século, 2003.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. ANPOCS, 2007.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 69. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

DAMATTA, Roberto (Org.) *Universo do. Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismos*. Lisboa: Gradiva, 1993.

GIDDENS, Anthony. *Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 2002.

GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Orgs.). *O futebol nas ciências humanas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*. São Paulo, n. 163, p. 293-350, 2010. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19180>. Acesso em: 10 jan. 2022.

GUTTMANN, A. *From ritual to record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.

HALL, Stuart *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, Eric. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

LEITE, Dante Moreira. *O Caráter Nacional Brasileiro*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

MOTTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos: Revista da Fundação Getúlio Vargas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

RICUPERO, Bernardo. *Sete Interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2011.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SILVA, Silvio Ricardo da; INÁCIO, Luiz Gustavo; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; MELO, Marcos de Abreu. *Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009.

SOARES Antônio Jorge, SALVADOR Marcos Antônio, BARTHOLLO Thiago. O futebol arte e o Planejamento México na Copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. *Moviment*, v. 10, n. 3, p. 113- 130, 2004.

SOARES, Antônio Jorge., LOVISOLO, Hugo. R. *Futebol: a construção do estilo nacional*. *RBCE online*, Campinas, v. 25, n. 1, set. 2009.

Recebido em: 08 fev. 2022
Aprovado em: 03 jun. 2022

Artigo submetido ao sistema de similaridade Turnitin®.

A revista **Conexões** utiliza a [Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0](#), preservando assim, a integridade dos artigos em ambiente de acesso aberto.

A Revista Conexões é integrante do Portal de Periódicos Eletrônicos da Unicamp e associado/membro das seguintes instituições:

